



2017/06/06

## Trump e a estratégia europeia

Alexandre Reis Rodrigues

Merckel, na sequência da última reunião da NATO, defendeu no seio do seu partido que, perante a postura do Presidente Trump em relação à NATO, os europeus tinham que tomar nas suas mãos o seu próprio destino.<sup>1</sup> A declaração não passou despercebida a ninguém, não obstante o contexto restrito em que foi feita. Tive a ocasião de a referir<sup>2</sup> como um sinal de que, finalmente, os europeus começavam a mostrar-se com vontade política de se organizarem como um bloco político mais efetivo e de que a Estratégia Global da União Europeia, apresentada, há um ano, iria ter o ambiente político de que necessita para ser credível. Infelizmente, é também o reconhecimento de que os europeus abdicaram de exercer no pleno algumas das suas responsabilidades. Volto ao assunto para algum desenvolvimento sobre a declaração de Merckel.



A declaração, vista com cuidado, teve mais dois problemas, embora nem por isso tenha deixado de ser importante, como aliás fica evidente pelo impacto internacional que teve. O palco em que precisa de ser feita não é o do partido da Chanceler; tem que ser um palco internacional, o da NATO ou o da União Europeia, de preferência este último. Se não chegar a esse âmbito acabará por ser uma declaração inconsequente que levanta a dúvida sobre se Merckel pretende ser firme no apelo aos europeus para um entendimento sobre o caminho a seguir.

O segundo problema – talvez mais importante – é não ter acautelado evitar passar a ideia de que, afinal, os europeus estão apenas a preparar-se para deixar de contar com o apoio dos EUA. É erro grave deixar essa ideia no ar, como oportunamente referiu Lawrence Freedman. Primeiro, porque não podem prescindir desse apoio. Segundo, porque estão a mostrar que vêm a situação como um facto quase consumado.

A mensagem que os europeus precisam de passar é a de que se estão a organizar para dar uma nova dinâmica à relação transatlântica, preparando-se para lidar com o agravamento da situação de segurança, quer na frente do terrorismo, quer no campo da instabilidade que se vive na vizinhança próxima. O objetivo é salvar a Aliança e não contribuir para pô-la em causa, porque para essa segunda hipótese os EUA não precisam de qualquer contributo externo. Têm já mais do que suficientes no campo interno, vindos dos mais respeitáveis setores académicos.

Aponto dois. Um vem pelas penas de Mearsheimer e Walt Stephen, sob o título "Offshore Balancing – a superior grand strategy". O outro é da autoria de Bary Posen

<sup>1</sup> Não foram exatamente esses os termos usados mas foi esse o sentido da sua intervenção. Merckel não se referiu diretamente a Trump; disse que não se podia contar com os aliados da mesma forma que no passado.

<sup>2</sup> Ver último artigo neste mesmo *site* com o título "A NATO ainda existe?" e data de 29 de maio.

e está descrito em livro recente: “Restraint – a new foundation for a U.S. grand strategy”. São muito idênticos. Ambos recomendam que a estratégia de hegemonia liberal que vinha sendo seguida desde o fim da Guerra Fria, deve ser substituída por uma estratégia de retraimento. Ou seja, o abandono da ideia de que os EUA, como a “nação indispensável”, têm não só o direito como a responsabilidade por gerir as situações, conforme necessário para garantir a manutenção da ordem mundial.

Já me referi anteriormente a este assunto<sup>3</sup>, por isso apenas relembro duas breves transcrições da proposta de Posen, que vai diretamente ao assunto:

*«The United States also need to give up or reduce its military guardianship of rich countries that are well able to defend themselves. The relationship with Europe must be transformed entirely».*  
*«The United States should withdraw its operational forces from Europe over a ten-year period, starting with ground forces. Toward the end of that decade NATO institutions could gradually transition to European control and management if the Europeans desire or the Europeans can sustain them as a separate entity. Otherwise, they can be allowed to lapse».*

Tudo indica que Trump não se sentirá distante desta linha de pensamento, mas para a concretizar não terá o acordo dos seus três mais importantes colaboradores, o vice-presidente e os secretários de Estado e da Defesa. Trump está condicionado pela necessidade de não aprofundar o princípio de rutura em que se envolveu com os três, quando decidiu omitir no seu discurso na NATO, contra a opinião deles, o compromisso da segurança coletiva, que, ao que consta, estava no texto. Esperemos que o caos em que vive a administração não leve a que essa brecha se transforme num fosso.

Se o que interessa é - como penso que deve ser - salvar a Aliança, da parte dos europeus o mais importante é não dar qualquer pretexto que alimente a corrente de opinião que pensa que a sua manutenção não justifica qualquer esforço do lado americano. Este requisito coloca a Europa perante um novo desafio. A estratégia que precisa de desenvolver como um bloco para ser um participante útil no campo militar deixou de ser, como era no passado, matéria de convicção de alguns. Agora é matéria de necessidade inadiável de todos.

---

<sup>3</sup> “Os EUA num ponto de viragem estratégica”, em JDRI, 11 de fevereiro de 2017.